

O PENSAR E O FAZER SOBRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA ANÁLISE SOBRE ACIDENTES MEDICAMENTOSOS COM CRIANÇAS DE 0 A 9 ANOS

Vanessa Radiess Neunfeld¹

Daniela Copetti Santos²

Resumo: Acidentes com medicamentos possuem como maiores vítimas crianças de 1 a 4 anos e isso se deve ao fato da falta de informações, o acesso facilitado aos medicamentos e a falta de segurança das embalagens desses produtos. O objetivo deste trabalho foi verificar os casos de intoxicações exógenas com medicamentos em crianças de 0 a 09 anos, buscando as razões pelas quais isso acontece e como ajudar a prevenir esses acidentes através da educação em saúde. A metodologia utilizada foi documental através dos dados do site do DATASUS, em que observamos os casos no Brasil, no Rio Grande do Sul e nas regiões de Santo Ângelo e Santa Rosa. Além disso, foram respondidos questionários por pais e responsáveis, os quais foram entregues em creches e escolas. Observou-se um número expressivo de intoxicação exógena por medicamentos entre 1 a 4 anos de idade. Nessa idade, a criança possui muita curiosidade, além de que os medicamentos possuem formas e gostos agradáveis. Através dos questionários observou-se que a maioria dos pais tentam prevenir estes acidentes e apontam que seria muito importante projetos relacionados ao tema em escolas e creches. Os dados obtidos nos ajudaram a pensar em criar um infográfico que auxiliará na prevenção desses acidentes.

Palavras-chave: Educação em saúde; Intoxicação exógena; Prevenção.

¹ Licenciada em Química pela Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Cerro Largo.
radiessvanessinha@gmail.com

² Doutora em Ciências Biológicas - Bioquímica pela UFRGS. Licenciada em Ciências Biológicas pela Unicruz. Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Farroupilha- Campus Santa Rosa.
daniela.copetti@iffarroupilha.edu.br

INTRODUÇÃO

A educação em saúde nas escolas pode ser uma das principais estratégias para a promoção da saúde. Muitas vezes somos conduzidos por conceitos do senso comum em relação à saúde através de mitos e de práticas populares. A educação em saúde pode entrar em ação nesse sentido e nos fazer compreender e potencializar uma compreensão mais científica relacionada à saúde, melhorando assim, a qualidade de vida. (MESQUITA *et al.*, 2017, p. 44) Ainda apontamos que a educação em saúde deve ser uma fonte de prevenção e na prática deve ajudar a melhorar as condições de vida e de saúde da população. (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2004, p. 761)

Intoxicações exógenas por medicamentos têm como maiores vítimas crianças de até 4 anos de idade, representando um quadro grave de saúde pública no Brasil. Domingos *et al.* (2016, p. 345) em seu estudo, aponta para os medicamentos como maiores causadores de intoxicação e internação nas faixas etárias de: menor que 1 ano, 1 a 4 anos e 5 a 8 anos. O Guia de Vigilância em Saúde (2019, p. 706), define intoxicação exógena como: “o conjunto de efeitos nocivos representados por manifestações clínicas ou laboratoriais que revelam o desequilíbrio orgânico produzido pela interação de um ou mais agentes tóxicos com o sistema biológico.”

Telles Filho e Júnior (2013, p. 294) reforçam que, crianças na faixa etária de 1 a 5 anos necessitam de maiores cuidados de seus responsáveis, pois a noção de perigo ainda não está concretizada. Nessa etapa de desenvolvimento, as crianças “estão fluentes à imaginação, à brincadeira, à curiosidade, à ânsia pelo conhecimento, características do comportamento infantil que, se não vigiados, podem induzir a sérios acidentes.”

O trabalho tem como objetivo geral desenvolver uma busca sobre intoxicações exógenas com medicamentos em crianças de 0 a 09 anos, identificar as razões pelas quais isso acontece e compreender modos de ajudar a prevenir esses acidentes. A hipótese que se trabalha nessa pesquisa é de que a educação em saúde nas escolas pode ser uma potente forma de sensibilizar pais e alunos quanto a esses cuidados. Além do objetivo proposto, pensamos em criar um infográfico a fim de auxiliar os pais e orientar crianças nas devidas recomendações quanto aos cuidados com medicamentos em sua residência.

A justificativa da escolha do tema se deve ao crescimento do número de casos de intoxicação medicamentosa com crianças de até 5 anos de idade. As análises foram realizadas através do site do DATASUS no qual obteve-se informações referentes ao Brasil, ao Estado do

Rio Grande do Sul (RS) e principalmente de duas regiões de saúde do Rio Grande do Sul que engloba a cidade em que resido, São Pedro do Butiá e que pertence a região de Santo Ângelo, e também a cidade onde estou cursando minha pós-graduação, Santa Rosa.

Outro meio de coleta de dados foi através de questionários que foram respondidos pelos pais ou responsáveis de crianças que estão matriculadas em duas escolas e em uma creche de São Pedro do Butiá. As perguntas versavam sobre os cuidados que eles possuem em suas residências com o uso, armazenamento e descarte dos medicamentos.

Visando qualificar a compreensão acerca da educação em saúde e intoxicação exógena por medicamentos, segue um diálogo com o referencial teórico que nos acompanhou durante a pesquisa e que nos alerta a importância da prevenção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um levantamento feito pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2018) mostra que, “todos os dias, cerca de 37 crianças e adolescentes (0 a 19 anos) sofrem os efeitos da intoxicação pela exposição inadequada a medicamentos”. A maioria dos casos de acidentes ocorrem com crianças de um a quatro anos de idade: "Elas são naturalmente muito curiosas e querem colocar tudo na boca, o que faz parte do desenvolvimento. Além disso, os medicamentos da linha pediátrica possuem embalagens coloridas e cheirosas, que estimulam os sentidos da criança."

De acordo com Gonçalves *et al.* (2017, p. 136), os medicamentos são produtos farmacêuticos elaborados para medidas preventivas, curativas ou para aliviar sintomas, mas quando usados em doses superiores às terapêuticas podem causar intoxicação ao organismo e, em alguns casos, levar a óbito.

Uma das causas de acidentes é o fato das embalagens serem fáceis de abrir, o que nos leva a refletir sobre o uso de embalagens especiais de proteção à criança (EEPC) que em muitos países é obrigatório (PAIVA *et al.*, 2017, p. 13). Essas embalagens são caracterizadas por “permitirem a abertura fácil para idosos ou pessoas com redução da força e serem inacessíveis às crianças, pois envolvem mecanismos de coordenação motora não desenvolvidos por crianças de pouca idade” (TREBIEN, 2011. p.95).

No Brasil existe um projeto de lei nº 4841-A de 1994 que determina a utilização de EEPC em medicamentos e produtos químicos domésticos que apresentem potencial risco à saúde (BRASIL, 1994, p. 197). A Câmara dos Deputados informa que a situação da proposta se encontra pronta para entrar na pauta de votações no plenário desde 13 de Março de 2001.

Fook *et al.* (2013, p. 1042) indica que “no Brasil, os acidentes tóxicos, especialmente os não intencionais, constituem a principal causa de atendimento de emergência pediátrica.” De acordo com Rodrigues *et al.* (2015, p. 1029), os acidentes principalmente com crianças são um grave problema em todo o mundo e podem estar ligados com o ambiente físico, social e emocional no qual vivem.

Siqueira *et al.* (2008, p. 664) comentam que é indispensável buscar meios de prevenção, pois, muitas vezes, os acidentes são vistos como algo inevitável e não se valoriza muito as estratégias de prevenção. Por isso a importância desse ensino na escola, prevenir é a melhor forma de combater esses acidentes. Nesse contexto, justifica-se a escolha do público para essa pesquisa pelo fato de que a educação infantil é o momento oportuno para o desenvolvimento do saber, a criança sempre está disposta a aprender (LINK *et al.*, 2012, p. 1306).

O primeiro passo para prevenir a intoxicação é tomando cuidado com os medicamentos que você compra. Para isso deve-se observar a bula e a caixa dos medicamentos. A bula dos medicamentos deve fornecer toda e qualquer informação sobre o composto químico, “a indústria responsável pelo medicamento tem obrigação legal de prestar todas as informações necessárias para o uso adequado e os possíveis problemas e cuidados relacionados ao produto.” (ANVISA, 2010, p. 18)

É muito importante observar o que aparece na embalagem do medicamento. Hipolabor (2014), menciona que qualquer medicamento, sendo ele genérico ou não, deve conter o nome principal, ou seja, científico, seu nome comercial ou se for genérico também deverá ser identificado. Além disso deve constar o nome, CNPJ e local da empresa que fabricou o medicamento; número de lote; número de registro; informações farmacêuticas como a composição, a quantidade e a via que deve se administrar o medicamento; nome do farmacêutico responsável; lacre de segurança; tinta reativa que quando é raspada aparece o selo de qualidade e o nome do laboratório. Caso a embalagem do medicamento que você comprou não apresente algumas dessas informações deve-se encaminhar a embalagem para a vigilância sanitária para verificar se não é um produto falsificado.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018, p. 1), existem os medicamentos de qualidade inferior que são aqueles que são produzidos por fabricante registrado, porém não cumprem com os padrões de qualidade indicados. E existem ainda os medicamentos falsificados, que são produzidos para enganar o consumidor, que de acordo com

a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), “podem não conter nenhum ingrediente ativo, ingrediente ativo errado ou a quantidade errada do ingrediente ativo correto.”

Muitas vezes para economizar dinheiro as pessoas compram medicamentos de locais que são considerados mais “baratos” e não se tem certeza da procedência destes produtos. Hoje em dia é muito fácil comprar medicamentos e ingredientes farmacêuticos em outros países por meio da compra pela internet, o que causa certa dificuldade em comprovar a origem e rastrear o produto, “é comum a prática de reembalar medicamentos com novos rótulos antes de chegar ao seu destino para esconder o país de origem do laboratório clandestino” (COSTA, 2016, p. 10).

Além disso, o que também facilita a ocorrência da intoxicação é a curiosidade da criança, o processo de descobertas que faz parte do desenvolvimento infantil. “Outro fator relacionado à criança consiste na atração que algumas embalagens oferecem além de sabores agradáveis e principalmente a falta de uma embalagem de proteção especial.” Isso pode influenciar o seu consumo e tomando várias vezes ao dia, poderá levar essa criança a uma intoxicação grave (PASSAMAI *et al.*, 2021, p. 56).

Acker e Cartana (2009, p. 65) acreditam que “a prevenção vai além da ótica epidemiológica, pois nesta pode deixar de se considerar comportamentos, subjetividades e necessidades individuais, familiares e sociais.” Deve-se ter um olhar mais atento às famílias sobre os ocorridos e buscar trazer formas educativas em saúde: “o pensar e o fazer prevenção de acidentes domésticos com foco centrado na família é uma prática educativa, e ao mesmo tempo, uma prática de cuidado transformadora em saúde.”

Existem diferentes formas de prevenção que podem ser feitas:

Através de legislação que fiscalize a comercialização, distribuição e embalagens dos produtos com potencial de toxicidade; educação em espaços públicos, escolas, creches, centros de saúde, meios de comunicação; investimentos em Centros de informação toxicológica, importantes para a prevenção de consequências das intoxicações através do tratamento precoce. (TREBIEN, 2011, p.95)

Pensando na educação em espaços públicos, Faiolla *et al.* (2019, p. 277) considera importante pensar no público infantil como potencial multiplicador e também chama a atenção para aumentar as ações de educação em saúde sobre o descarte e armazenamento correto de medicamentos. O infográfico criado através desta pesquisa consiste em uma forma de metodologia que utiliza representações visuais de informação. Esse gráfico geralmente é usado

quando a informação pode ser explicada de uma forma mais dinâmica, chamando atenção dos leitores (COSTA; TAROUCO, 2010, p. 2).

Figueiredo *et al.* (2010, p. 120) apresentam um modelo dialógico de educação em saúde que busca tornar o indivíduo mais autônomo em relação às atitudes de promoção à saúde. Haeser *et al.* (2012, p. 606) argumentam que a independência em relação à saúde de um indivíduo ou comunidade depende do incentivo da promoção de saúde, trazendo assim mais autonomia e aumentando o sucesso nos cuidados com a saúde de todos.

Através dessas literaturas, podemos observar que intoxicação medicamentosa é um problema e que modos de prevenção ainda não são muito abordados visto que as pessoas consideram o acidente como algo imprevisível, que vai acontecer de qualquer jeito. Apontamos para a importância da prevenção de acidentes medicamentosos através do incentivo de promoção em saúde nas escolas e creches. Ressaltando que a educação em saúde deve-se fazer presente na educação infantil visto que as crianças sempre possuem curiosidade e estão em constante aprendizagem e ainda são um potencial multiplicador, tudo que aprendem, compartilham em casa. Segue a descrição da metodologia da pesquisa e na sequência, estão apresentados os resultados construídos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa possui caráter documental, descritiva e quali - quantitativa. A base de dados documental utilizada foi baseada em dados secundários que foram coletados a partir da plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - SUS (DATASUS). Essa plataforma permite com que sejam analisados dados epidemiológicos sobre determinadas situações de comorbidade e morbidades, estatísticas vitais, assistência à saúde, dentre outras informações muito relevantes. Dessa forma para conseguirmos obter os resultados relacionados com acidentes medicamentosos em crianças fizemos uso desta plataforma.

Inicialmente, a pesquisa teve caráter documental e quantitativo, fazendo uso da plataforma do DATASUS, analisou-se a quantidade de acidentes com medicamentos que ocorrem com crianças nas faixas etárias: menor que 1 ano; 1 a 4 anos e de 5 a 9 anos, em um período de 10 anos (2010 a 2020).

Para iniciar a busca, acessou-se o site do DATASUS e posteriormente o aplicativo TABNET que disponibiliza informações sobre saúde pública que servem para subsidiar análises objetivas da situação sanitária e tomadas de decisão baseadas em evidências. Após esse acesso,

fomos para a seção Epidemiológicas e Morbidade e então para a seção de Doenças e Agravos de Notificação – 2007 em diante. Após estas etapas, selecionou-se a opção intoxicação exógena e a região de abrangência. Consequente, a análise foi feita em etapas, primeiro pelo Brasil, depois pelo Rio Grande do Sul e também pelas Microrregiões de Saúde de Santo Ângelo e de Santa Rosa. Nas análises selecionou-se a faixa etária escolhida, o período de tempo e o agente tóxico: medicamento. O TABNET permite ao usuário gerar tabelas e produzir gráficos e mapas.

De acordo com Souza *et al.* (2011, p. 223):

A análise documental consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos.

Silva e Menezes (2001, p. 20) consideram que a pesquisa quantitativa “significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.” Sendo a pesquisa quantitativa focada mais em números, não se exclui a compreensão pelas relações complexas. O que se busca é explicar as relações complexas através de números. (GÜNTHER, 2006, p. 202)

Em um segundo momento foi entregue através da direção das escolas, um questionário aos pais de crianças na idade de interesse do projeto. Esses questionários foram entregues na Escola Municipal de Educação Infantil Arte e Vida que atende crianças de 06 meses a 5 ou 6 anos de idade; no Colégio Estadual Professor Pedro José Scher atende turmas de ensino fundamental e médio e na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco de Borja atende somente turmas de ensino fundamental.

O questionário era composto de perguntas abertas e fechadas. De acordo com Chaer *et al.* (2011, p. 262), perguntas abertas:

São aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente.

E de acordo com o mesmo autor, perguntas fechadas são aquelas que trazem alternativas específicas para que o informante escolha uma delas.

As perguntas abertas e fechadas presentes em nosso questionário foram adaptadas de Santos *et al.* (2014, p. 4) e entre elas podemos citar:

- Você sabe o que é uma intoxicação exógena por medicamento?
- Possui medicamentos em casa? () Sim () Não

- Se sim, são de uso contínuo ou são medicamentos mais convencionais como ASS, paracetamol, entre outros?
- Onde você armazena os medicamentos?
- Você costuma comprar medicamentos com receita médica? () Sim () Não
- Na hora da compra do medicamento, você saberia observar se o medicamento é falsificado ou não? () Sim () Não
- Você costuma olhar a data de validade dos medicamentos que possui em casa?
() Sim () Não
- Já aconteceu na sua família ou com algum conhecido de alguma criança sofrer uma intoxicação medicamentosa?
() Sim () Não
- Se caso ocorresse, você saberia realizar primeiros socorros nesse caso?
() Sim () Não
- O que você faz quando não utiliza mais o medicamento?
- Você acha importante existir projetos nas escolas e creches relacionados à educação medicamentosa? () Sim () Não

Participaram desta pesquisa 75 pais e/ou responsáveis pelos alunos que estavam matriculados nessas escolas, eles foram escolhidos aleatoriamente e participaram como voluntários da pesquisa.

A análise dos questionários configurou-se como uma pesquisa qualitativa buscando entender a complexidade dos fenômenos em estudo e segundo Silva e Menezes (2001, p. 20), ela possui um vínculo muito forte entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. “Interpretação dos fenômenos e atribuição de significados básicos no processo da pesquisa qualitativa.” Para esse tipo de pesquisa têm-se bastante preocupação com o processo e como são feitas as análises de modo indutivo e descritivo.

Além da influência de valores no processo de pesquisa, há de se constatar seu envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação. A aceitação de tal envolvimento caracteriza a pesquisa qualitativa. Já a intenção de controlá-lo, ou a sua negação, caracterizam a pesquisa quantitativa. (GÜNTHER, 2006, p. 203)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a pesquisa documental e quantitativa realizada no site do DATASUS, apresento a seguir as tabelas dos dados de acidentes por intoxicação exógena por medicamentos, coletados no período de 2010 a 2020 na faixa etária de menor (<) 1 Ano, 1 a 4 anos e de 4 a 9 anos.

A primeira análise foi realizada em todo o Brasil, conforme a Tabela 01.

Tabela 01: Intoxicação Exógena por Medicamentos Faixa Etária: <1 Ano; 1 a 4 Anos; 5 a 9 Anos.

<i>Ano 1º Sintoma</i>	<i>< 1 Ano</i>	<i>1 a 4</i>	<i>5 a 9</i>	<i>Total de casos</i>
2010	376	2080	641	3097
2011	479	2729	858	4066
2012	666	3447	1114	5227
2013	831	4560	1415	6806
2014	959	4573	1486	7018
2015	866	4484	1457	6807
2016	953	4977	1676	7606
2017	1250	6351	2076	9677
2018	1405	6647	2100	10152
2019	1504	6194	2096	9794
2020	268	1382	459	2109
Total	9.557	47.424	15.378	72.359

Fonte: Datasus.

A partir desses dados, nos importamos em verificar esses casos no Estado do Rio Grande do Sul, os quais seguem os mesmos padrões da análise realizada em todo o Brasil. os dados referem-se também ao período de 2010 a 2020 e a análise foi feita na faixa etária escolhida previamente em nosso estudo, conforme dados registrados na Tabela 02.

Tabela 02: Intoxicação Exógena por Medicamentos – Faixa Etária: <1 Ano; 1 a 4 Anos; 5 a 9 Anos.

<i>Ano 1º Sintoma</i>	<i>< 1 Ano</i>	<i>1 a 4</i>	<i>5 a 9</i>	<i>Total de casos</i>
2010	4	33	8	45
2011	5	20	3	28
2012	4	26	3	33
2013	12	45	7	64
2014	14	53	15	82
2015	18	57	16	91
2016	23	112	34	169
2017	51	184	46	281
2018	48	237	71	356
2019	68	227	55	350

2020	13	48	19	80
Total	260	1042	277	1579

Fonte: Datasus.

As duas análises nos mostram um dado importante, maior número de casos ocorridos na faixa etária de 1 a 4 anos. Mendonça *et al.* (2016, p. 2) em seus estudos, identificaram que 53,1% das intoxicações atendidas em um pronto socorro na Bahia no período de 2008 a 2012, ocorreram com crianças menores que 4 anos e o principal agente tóxico encontrado em todos os períodos, foram os medicamentos. Ainda em comparação, as duas análises apresentaram o maior número de casos no ano de 2018 com 10.152 (BR) e 356 (RS) casos notificados.

Nota-se um aumento do número de casos nos anos de 2016 a 2019 no RS. Leite *et al.* (2021, p. 7) realizou um estudo semelhante e concluiu que o número de casos aumentou ao longo do período analisado (2015 a 2019) e isso pode estar relacionado com uma “maior sensibilização dos profissionais em notificar esse agravo, assim como facilidade de acesso a medicamentos e negligência por parte dos pais/responsáveis em guardar em locais seguros e de difícil acesso para as crianças.” O ano de 2020 mostra uma redução nesses casos, o que pode estar relacionado com a não atualização dos dados. O DATASUS nos informa que os dados de 2017 a 2020 estão sujeitos à revisão.

Ainda pode-se destacar que, do total de casos que ocorreram no RS nesta faixa etária, 830 casos representam o sexo feminino e 749 casos, o sexo masculino. Do total de casos que ocorreram no Brasil nesse período de tempo e na faixa etária designada, 36.148 representam o sexo feminino e 36.211 representam o sexo masculino.

A terceira análise foi realizada com dados provenientes da 12ª Coordenadoria Regional de Saúde do Rio Grande do Sul, conhecida como região dos Sete Povos das Missões e que compreende os municípios de Santo Ângelo, São Borja, São Luiz Gonzaga, Santo Antônio das Missões, Cerro Largo, Porto Xavier, Entre-Ijuís, São Miguel das Missões, Guarani das Missões, Roque Gonzales, Bossoroca, São Nicolau, Caibaté, Vitória das Missões, Garruchos, Rolador, Dezesseis de Novembro, Pirapó, Eugênio de Castro, São Pedro do Butiá, Ubiretama, Salvador das Missões, Sete de Setembro e Mato Queimado e estão demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 03: Intoxicação Exógena por Medicamentos Faixa Etária: <1 Ano; 1 a 4 Anos; 5 a 9 Anos.

Ano 1º Sintoma	< 1 Ano	1 a 4	5 a 9	Total de Casos
2010	-	1	-	1
2011	1	1	-	2
2012	-	1	-	1

2013	-	2	-	2
2018	-	2	-	2
2019	-	2	-	2
2020	-	1	-	1
Total	1	10	0	11

Fonte: Datasus.

Legenda: (-) Dado numérico igual a 0 não resultante de arredondamento.

A quarta e última análise foi realizada de acordo com dados enviados ao Ministério da Saúde pela 14ª Coordenadoria Regional de Saúde, conhecida como Fronteira Noroeste e que fica localizada no município de Santa Rosa e que abrange também, Alecrim, Alegria, Boa vista do Buricá, Campinas das Missões, Cândido Godói, Doutor Maurício Cardoso, Giruá, Horizontina, Independência, Nova Candelária, Novo Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, São Paulo das Missões, Senador Salgado Filho, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi e estão demonstrados nos dados a seguir:

Tabela 04: Intoxicação Exógena por Medicamentos Faixa Etária: <1 Ano; 1 a 4 Anos; 5 a 9 Anos.

Ano 1º Sintoma	< 1 Ano	1 a 4	5 a 9	Total de casos
2012	-	1	-	1
2013	-	3	1	4
2014	-	5	1	6
2015	-	4	4	8
2016	1	12	3	16
2017	1	6	2	9
2018	4	9	9	22
2019	2	10	4	16
Total	8	50	24	82

Fonte: Datasus.

Legenda: (-) Dado numérico igual a 0 não resultante de arredondamento.

Através da análise das tabelas das coordenadorias de Santo Ângelo (SA) e de Santa Rosa (SR), nota-se que em SR existem mais casos notificados do que em SA, o que poderia sugerir uma subnotificação em relação a essa segunda coordenadoria, representando dessa forma um problema para a saúde pública.

Notificar os casos acaba se tornando importante para análises e estudos em busca de soluções. A Cartilha da Unimed (2020, p. 6) descreve que “na área da saúde, notificar [...] é um ato de cidadania, de compromisso com os pacientes, com os profissionais de saúde, com a Instituição e mais, de compromisso com a população brasileira.” Acontece que muitos casos

podem ocorrer e a família não notificar por medo ou vergonha do ocorrido, mas é importante lembrar que falando o que aconteceu pode se evitar que ocorra isso com outras pessoas e principalmente com as crianças.

As intoxicações por medicamentos deveriam ser mais notificadas, pois de acordo com Silva (2009, p. 28) “o conhecimento de dados epidemiológicos regionais sobre intoxicação é importante para a gestão de recursos para a prevenção e planejamento de estratégias de investigação”, o que vem ao encontro do objetivo do trabalho, a prevenção e planejamento de ações para combater esses acidentes.

Observamos na análise (SR) que o ano com mais ocorrência de acidentes foi o de 2018 com 22 casos notificados. O sexo feminino representa 48 casos do total e o sexo masculino representa 34 casos notificados no período e na faixa etária pré-definida. Novamente a sequência se repete, maior número de casos na idade de 1 a 4 anos, isso se observa em todas as tabelas e isso pode ser explicado também pelo que a Sociedade Brasileira de Pediatria (2021) aponta: crianças de 1 a 4 anos passam mais tempo em casa e ficam mais expostas à produtos químicos tóxicos que são armazenados em locais incorretos somando ao fato da facilidade de abrir as embalagens e também, a pouca informação que os pais e responsáveis possuem a respeito da prevenção dos acidentes.

Em SA, observou-se que não apresentou nenhum ano com mais número de casos e do total, 8 casos ocorreram no sexo masculino e 3 casos no sexo feminino. Outra observação é que não se tem todos os dados como nas outras tabelas, não temos dados notificados em todos os anos, muitas vezes esses casos podem ter sido subnotificados, ou seja, notificados menos do que esperado.

Do total de casos analisados, tanto no Brasil, quanto no RS e nas duas regiões das coordenadorias, 50,02% representam o sexo feminino e 49,98% o sexo masculino. Nesta análise o sexo feminino apresentou 27 casos a mais que o sexo masculino o que cria uma certa discordância com a maioria dos artigos publicados e que apontam para o sexo masculino como maior precursor de acidentes medicamentosos.

Leite *et al.* (2021, p. 5) em sua análise, disserta que 66,3% dos casos ocorridos no Brasil de 2015 a 2019 na faixa etária de 0 a 9 anos, representam o sexo masculino. Isso pode ser explicado devido a educação do meninos ser menos vigilante e com mais liberdade comparado ao sexo feminino. (ALCÂNTARA *et. al.*, 2003, p. 15)

Passamos agora para a análise quali-quantitativa do questionário aplicado na Creche e nas duas Escolas do município de São Pedro do Butiá. Foram entregues 25 questionários em

cada instituição, totalizando 75 questionários ao todo. Apenas 70 questionários retornaram respondidos. Os questionários foram distribuídos de forma aleatória pela direção dessas instituições para os pais ou responsáveis por crianças na faixa etária de 0 a 9 anos.

A tabela a seguir indica as respostas das questões fechadas:

Tabela 05: Questionário com as questões fechadas.

<i>Perguntas</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Você sabe o que é uma intoxicação exógena por medicamento?</i>	45,3%	46,7%
<i>Possui medicamentos em casa?</i>	95,3%	4,7%
<i>Você costuma comprar medicamentos com receita médica?</i>	82,5%	17,5%
<i>Você sabe identificar se um medicamento é falsificado ou não?</i>	19%	81%
<i>Você costuma olhar a data de validade dos medicamentos?</i>	95,2%	4,8%
<i>Alguém da sua família já sofreu acidentes com medicamentos?</i>	4,8%	95,2%
<i>Se caso ocorressem acidentes, você saberia fazer os primeiros socorros?</i>	27,4%	72,6%
<i>Você acha importante existirem projetos nas escolas relacionados a educação medicamentosa?</i>	100%	0%

Fonte: Autoria própria.

Destaca-se na tabela uma semelhança nas respostas sobre o conhecimento dos pais quanto a intoxicação exógena por medicamentos e a maioria das famílias possuem fármacos em casa, o que é comum, pois devemos sempre estar preparados para emergências e ainda mais pais com crianças na faixa etária estudada.

O importante é destacar que todos os remédios devem ser consumidos somente com receita médica. Automedicação é um dos fatores que acabam influenciando os acidentes exógenos por medicamentos. Rangel e Francelino (2018, p. 133) argumentam que é importante conscientizar sobre os riscos da automedicação, pois quando uma pessoa se automedica, ela não conhece nada sobre o medicamento que está tomando e sobre a dose adequada o que aumenta a chance de ocorrer intoxicação principalmente em crianças e idosos.

De acordo com as respostas obtidas, podemos observar que existe uma conscientização pela maioria dos pais quanto a comprar medicamentos com receita médica e olhar a data de validade dos medicamentos. Sendo assim, já é um grande passo para a não ocorrência de

acidentes com medicamentos se seguirem as orientações médicas, não se automedicar e tomar cuidado com os medicamentos vencidos.

De acordo com Ekedahl (apud Fernandes *et al.*, 2020, p. 391) os medicamentos vencidos podem se tornar um risco quando usados irracionalmente, ter efeitos indesejáveis, efeitos reduzidos ou nenhum efeito, o que pode atrapalhar o tratamento.

Sobre a questão dos medicamentos falsificados, 81% dos respondentes não sabem identificar se o medicamento é falso ou não. Isso é uma questão preocupante já que o medicamento falsificado pode oferecer vários riscos à saúde. Estudos realizados por Hurtado e Lasmar (2014, p. 893) mostram que medicamentos apreendidos apresentaram, através das análises químicas, uma variedade de substâncias presentes que diferem muito daquelas apontadas nos rótulos, além da ausência de substâncias farmacologicamente ativas que afetam diretamente a saúde pública.

Podemos notar que a maioria dos respondentes não presenciou acidentes medicamentosos na sua família e ainda se ocorresse, a maior parcela não saberia realizar os primeiros socorros. De acordo com o Ministério da Saúde (2003, p. 174), a ingestão acidental de medicamentos pode causar vários sintomas, entre eles: alterações respiratórias, náuseas, queimação na garganta e no estômago, dor abdominal, diarreia, salivação, suor excessivo entre outros.

Ainda segundo o Ministério da Saúde (2003, p. 174), os primeiros socorros nesse caso devem dar prioridade para a parada respiratória e não fazer respiração boca a boca caso o acidentado tenha ingerido o produto; identificar o agente causador da intoxicação observando frascos ao redor da vítima e levar os mesmos junto para o pronto socorro para facilitar o atendimento; tomar cuidado e observar bem a vítima pois as reações podem não ser imediatas. Após essas ações iniciais, buscar transportar a vítima para o pronto socorro. Importante destacar que não se pode provocar vômito em vítimas inconscientes e também aquelas que ingeriram substâncias corrosivas. Pode-se provocar vômito no caso de intoxicação por álcool, alimentos, medicamentos, plantas venenosas, etc.

No questionário foi perguntado para os pais se eles achavam importante existir projetos relacionados à educação em saúde nas escolas e creches, essa questão obteve 100% de aprovação, sendo uma questão fechada, ainda obtive uma resposta por escrito:

“Com certeza! Muito Importante!”

Isso só ressalta a ideia principal da construção do produto desse trabalho que é o infográfico com informações sobre saúde de que será entregue para os pais nas escolas e na creche onde foi entregue o questionário. Pode-se dar continuação no trabalho elaborando aulas, palestras e diversas formas de promover a educação em saúde que é muito importante para as crianças se conscientizarem e para os pais aprenderem sobre primeiros socorros e também sobre armazenamento correto dos medicamentos.

Um estudo feito por Ferreira *et al.* (2013, p. 158), concluiu que crianças de 06 a 12 anos de idade são capazes de aprender técnicas primárias de primeiros socorros e desse modo, “atuarem tanto na prevenção, conscientização e desenvolvimento de ações capazes de salvar vidas.”

Nardino *et al.* apontam que:

O ensino de primeiros socorros deveria ser mais disponibilizado e abordado para as pessoas leigas e população em geral. Aprender sobre primeiros socorros ajudará o indivíduo a atuar com maior segurança caso ocorra uma situação emergencial. Com maiores conhecimentos diminuirá o agravo à saúde da vítima. (NARDINO *et al.* 2012, p. 90).

Analisando a questão sobre medicamentos contínuos ou mais convencionais, 70 respostas foram obtidas e 76% apontam para remédios convencionais dos quais alguns foram citados:

"Antitérmicos, anti-inflamatórios, pomadas de uso tópico e medicamentos para dor";

O restante, 24%, apontam para medicamentos de uso contínuo como:

"Omeprazol, Pondera, Losartana..."

De acordo com Tavares *et al.* (2013, p. 35), “os medicamentos estocados nas ‘farmacinhas caseiras’, incluindo aqueles vendidos com receita médica, oferecem riscos, tendo-se em vista o acesso facilitado aos vários tipos de medicamentos ali presentes, levando a diversos tipos de intoxicação.” Observou-se através das respostas que existe uma conscientização em armazenar os medicamentos numa caixa em um armário bem alto, longe do alcance das crianças. Uma resposta interessante:

"Guardo em uma caixa forrada com plástico furado e com tampa com vários furos em um local alto"

Podemos observar através desta resposta que essa família toma cuidados em relação a questão de arejamento, devido a umidade e calor excessivo. Importante ressaltar que o armazenamento incorreto também pode levar ao comprometimento da qualidade e da efetividade dos medicamentos podendo degradar os princípios ativos e diminuir a eficácia dos mesmos, podendo ainda formar novas substâncias tóxicas, o que aumenta o risco de intoxicação (MASTROIANNI *et al.*, 2011, p. 362).

Sobre o descarte dos medicamentos, quando o medicamento não precisa mais ser utilizado, a maioria responde que coloca no lixo, outros levam para a farmácia ou para a unidade de saúde do município:

“Jogo no lixo e os que ainda podem ser usados devolvo no posto de saúde”;

“Como não fosse mais ocupar, devolveria ao posto”;

“Levo no posto de saúde, eles dão destino”.

Sobre colocar os remédios no lixo, duas respostas parecidas:

“Não é o correto, mas no lixo”;

“Descarto no lixo, sei que não é o certo, mas não sei onde colocar”

A partir destas respostas, podemos concluir que muitas famílias possuem uma atitude errônea sobre o descarte de medicamentos, mas isso justamente acontece por falta de orientação, o que mais uma vez reforça o objetivo do trabalho que é a construção do infográfico para orientar pais e crianças quanto aos cuidados com os medicamentos. Outras respostas interessantes:

“Esvazio os frascos e descarto as embalagens”;

“Sobra de antibióticos no lixo e medicamentos comuns ficam guardados para uso quando necessário”;

“Coloco no vaso sanitário e puxo descarga quando vencido”.

As características químicas dos medicamentos apresentam risco à saúde pública e ao meio ambiente por possuírem substâncias resistentes que contaminam o solo e a água. Outro problema encontrado com o descarte incorreto é que, bactérias presentes no ambiente em que há contaminação de antibiótico podem criar resistência por que elas possuem alta capacidade de mutação (UEDA *et al.*, 2009, p. 3).

Paula *et al.* (2019, p. 3) nos ensina que devemos “repensar a maneira correta de descartar os medicamentos, levando a comunidade a refletir sobre as consequências de seus atos para a saúde pública e, ao mesmo tempo, valorizar seu papel no descarte consciente de medicamentos.”

Através das análises realizadas, os números apontam para uma situação grave em relação a acidentes medicamentosos, além disso, é nítida a falta de orientação e informação sobre os cuidados com esses acidentes. Sendo assim, torna-se importante investir em propostas de educação em saúde. Apontamos que existem várias formas de fazer a educação em saúde como mostra a literatura que acompanhou esse trabalho. Palestras, aulas ministradas pelos próprios professores, projetos de incentivo ao descarte correto, qualificação de profissionais de saúde dentre outros.

Os infográficos são uma forma lúdica de educação, pois apresentam textos e conteúdos visuais que chamam a atenção do leitor, levando informação e orientação sobre os cuidados com medicamentos de uma forma divertida. Dessa forma elaboramos o nosso infográfico, o qual será distribuído nas escolas para os pais e que contém informações relacionadas a prevenção de acidentes exógenos medicamentosos.

A seguir apresento o link de acesso do infográfico:
<https://drive.google.com/file/d/1jpYpGQBY0-QzWZVpQhPfVGYEBxYj7SpC/view?usp=sharing>

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho nos permitiu conhecer sobre intoxicações exógenas com crianças e por que elas mais frequentemente ocorrem. Além disso, conhecer a realidade dos pais sobre os cuidados com os medicamentos em suas residências trouxe a importância da orientação e da educação em saúde. Muitos pais demonstraram não saber onde descartar, como olhar se um medicamento é falsificado e também como agir diante uma situação de emergência.

Diante desse cenário, percebemos que intoxicações exógenas por medicamentos em crianças são um grave problema de saúde pública no Brasil e que apresenta muitas lacunas no quesito de projetos de prevenção. Apontamos neste trabalho que a escola é o local mais propício para se iniciar a educação em saúde logo cedo, pois as crianças estão sempre dispostas a aprender e compartilham todo o seu aprendizado com familiares e amigos. A educação em saúde aponta para resultados positivos para a prevenção, não existe uma fórmula para combater

os acidentes e muitas vezes não são feitas muitas ações visto que consideram o acidente como algo inevitável. A melhor forma de combater esses acidentes é através da prevenção, através da educação em saúde. O trabalho pode ter continuidade e ser trabalhado como projetos em escolas.

Referências bibliográficas

ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck; CARTANA, Maria do Horto Fontoura. **Construção da participação comunitária para a prevenção de acidentes domésticos infantis**. Revista Brasileira de Enfermagem, [S.l.], v. 62, n. 1, p. 64-70, fev. 2009. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672009000100010>. Acesso em 23 de Set. de 2021.

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. ANVISA. **O que devemos saber sobre os medicamentos**. 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/o-que-devemos-saber-sobre-medicamentos.pdf/view>. Acesso em 22 de Set. de 2021.

ALCÂNTARA, Denilce Alves *et al.* Intoxicação medicamentosa em criança. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 10-16, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/325>. Acesso em: 2 de Nov. de 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. FIOCRUZ. Vice Presidência de Serviços de Referência e Ambiente. Núcleo de Biossegurança. NUBio Manual de Primeiros Socorros. Rio de Janeiro. Fundação Oswaldo Cruz. 170p. 2003. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/biosseguranca/manualdeprimeirosocorros.pdf>. Acesso em 28 de Out. de 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4841/1994**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/21166>. Acesso em 19 de Set. de 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n.4841, de 1994, de Fábio Feldman. Determina a utilização de embalagem Especial de Proteção à Criança - EEPC - em medicamentos e produtos químicos de uso doméstico que apresentem potencial de risco à saúde. Brasília (DF): Congresso Nacional. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD19JAN1999.pdf#page=197>. Acesso em 16 de Jun. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – SUS. **DATASUS**. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 de Set. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Guia de Vigilância em Saúde: volume único [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação-

Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. – 3ª. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 740 p, 2019. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_3ed.pdf Acesso em: 18 de Set. de 2021.

CHAER, Galdino *et al.* A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf. Acesso em: 15 de Out. de 2021.

COSTA, Carla Ronanda Amaral. **Falsificação de medicamentos: um breve panorama e estudo de caso**. 2016. 39 f. Monografia (Especialização) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Vigilância Sanitária Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/14850/2/TCC_Carla-Costa.pdf. Acesso em: 25 de Out. de 2021.

COSTA, Valéria Machado da; TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach. Infográfico: características, autoria e uso educacional. **Novas Tecnologias na Educação**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 1-14, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1679-1916.18045>. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

DOMINGOS, Samara Messias *et al.* Internações por intoxicação de crianças de zero a 14 anos em hospital de ensino no Sul do Brasil, 2006-2011. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 343-350, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000200013>. Acesso em: 15 de Set. de 2021.

FAIOLLA, Fabiana de Paula *et al.* Atividades educativas sobre armazenamento e descarte correto de medicamentos: relato de experiência com público infantil. **Saúde em Debate**, [S.l.], v. 43, n. 120, p. 276-286, mar. 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912021>. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

FERNANDES, Máýra Rodrigues *et al.* Prevalência e fatores associados à presença de medicamentos vencidos em estoques caseiros. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 390-399, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202028030535>. Acesso em 20 de Out. de 2021.

FERREIRA, Natalia Moreira de Carvalho *et al.* Também sou doutor: formando doutores-mirins para prevenir e tratar os acidentes domésticos. **Extensão em Ação**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 151-161, dez. 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13347/1/2013_art_nmferreira.pdf. Acesso em 30 de Out. de 2021.

FIGUEIREDO, Maria Fernanda Santos *et al.* Modelos aplicados às atividades de educação em saúde Modelos aplicados às atividades de educação em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, p. 117-121, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/7n4TzNBqQSnG58vxZ3MhJVR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de Set. de 2021.

FOOK, Sayonara Maria Lia *et al.* Avaliação das intoxicações por domissanitários em uma cidade do Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.l.], v. 29, n. 5, p. 1041-1045, maio 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2013000500021>. Acesso em: 19 de Set. de 2021.

GONÇALVES, Claudiana Aguilar *et al.* Intoxicação medicamentosa. **Revista Científica Faema**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 135-143, 9 jun. 2017. Revista FAEMA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v8i1.449>. Acesso em: 15 de Set. de 2021.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 27 de Set. de 2021.

HAESER, Laura de Macedo *et al.* Considerações sobre a autonomia e a promoção da saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/LM8L8QHLSLyn9vkb7gqgb4p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

Hipolabor explica: quais informações devem constar na embalagem dos medicamentos? **Pharma hoje**. 26 de Dez. de 2014. Disponível em: <https://www.hipolabor.com.br/blog/hipolabor-explica-quais-informacoes-devem-constar-na-embalagem-dos-medicamentos/>. Acesso em: 25 maio 2021.

HURTADO, Renato Lopes; LASMAR, Marcelo Carvalho. Medicamentos falsificados e contrabandeados no Brasil: panorama geral e perspectivas de combate ao seu consumo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 891-895, abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00107013>. Acesso em 25 de Out. de 2021.

LEITE, Cicero Emanuel Alves *et al.* Intoxicação exógena em crianças devido ao uso de medicamentos no Brasil: avaliação do perfil de notificações. **Research, Society And Development**, [S.l.], v. 10, n. 7, p. 1-10, 21 jun. 2021. Research, Society and Development. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16647>. Acesso em: 12 de Out. de 2021.

LINK, Daniele Jaqueline *et al.* Conscientização ambiental com alunos da educação infantil da Escola de Ensino Fundamental Kinderwelt de Agudo - RS. **Remoa**, [S.l.], p. 1305-1311, mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/4642/2975>. Acesso em 21 de Set. de 2021.

MASTROIANNI, Patricia de Carvalho *et al.* Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, [S.l.], v. 29, n. 5, p. 358-364, 2011. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2011.v29n5/358-364/pt>. Acesso em 29 de Out. de 2021.

MENDONÇA, Dilton Rodrigues *et al.* Acute poisoning in children in Bahia, Brazil. **Global Pediatric Health**, California, v. 3, p. 1-7, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2333794X15623243>. Acesso em 29 de Set. de 2021.

MESQUITA, Thalita Marques de *et al.* Recurso educativo em primeiros socorros no processo ensino-aprendizagem em crianças de uma escola pública. **Revista Ciência Plural**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 35-50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/11464/8587> Acesso em: 12 de Set. de 2021.

NARDINO, Janaine *et al.* Atividades educativas em primeiros socorros. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí, v. 12, n. 23, p. 88-92, dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/949>. Acesso em: 30 de Out. de 2021.

OLIVEIRA, Hadelândia Milon de; GONÇALVES, Maria Jacirema Ferreira. Educação em Saúde: uma experiência transformadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 57, n. 6, p. 761-763, dez. 2004. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672004000600028>. Acesso em: 12 de Set. de 2021.

OMS. Produtos médicos abaixo do padrão e falsificados. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/substandard-and-falsified-medical-products>. Acesso em 22 de Set. de 2021.

PAIVA, Andriely *et al.* Impacto dos medicamentos nas intoxicações em crianças. **Rev. Ibirapuera**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 8-16, jun. 2017. Disponível em: <https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/103>. Acesso em 20 de Set. de 2021.

PASSAMAI, Larissa de Oliveira *et al.* Intoxicação exógena por medicamentos em crianças menores de cinco anos: um estudo epidemiológico. **Revista Brasileira de Ciências em Saúde**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 54-68, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/rebracisa/article/view/1470/pdf>. Acesso em 22 de Set. de 2021.

PAULA, Victor Gomes de *et al.* Descarte adequado de medicamentos uma responsabilidade social compartilhada. **Educação: Saberes e Práticas**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 1-14, jan. 2019. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/article/view/591>. Acesso em: 1º de Nov. de 2021.

RANGEL, Nayara Landim; FRANCELINO, Eudiana Vale. Caracterização do Perfil das Intoxicações Medicamentosas no Brasil, durante 2013 a 2016. **Revista Multidisciplinar de Psicologia**, [S.l.], v. 12, n. 42, p. 121-135, jan. 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1302/1895>. Acesso em: 18 de Out. de 2021.

RODRIGUES, Lívia Moreira de Carvalho *et al.* Atualização sobre a ocorrência de acidentes envolvendo crianças. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 9, n. 9, p. 1028-1034, nov. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10802/11970>. Acesso em: 19 de Set. de 2021.

SANTOS, Fabíola Ribeiro dos *et al.* Intoxicação exógena medicamentosa acidental em crianças: uma avaliação do conhecimento dos responsáveis. **Enfermagem, Ciência e Arte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 01-06, jun. 2014. Disponível em:

https://www.etecparquedajuventude.com.br/Cursos/Enfermagem/Artigos/Intoxicacao_Exogen_a_pub_jun_2014.pdf. Acesso em 15 de Set. de 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino A Distância da Ufsc, 121 p. 2001. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

SILVA, Isabel Galdino da. **SIHSUS como fonte para o estudo de morbi-ortalidade por medicamentos no estado do Rio de Janeiro de 1999 a 2007**. 2009. 69 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/4066/1/isabel%20galdino%20da%20silva%20-%20dissert.pdf>. Acesso em 12 de Out. de 2021.

SIQUEIRA, Karina Machado *et al.* Perfil das intoxicações exógenas infantis atendidas em um hospital especializado da rede pública de Goiânia-GO. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v. 10, n. 3, p. 662-672, fev. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46599/22883>. Acesso em 20 de Set. de 2021.

Sistema Mundial de Vigilância e Monitorização da OMS para os produtos médicos de qualidade inferior e falsificados: Resumo [WHO Global Surveillance and Monitoring System for substandard and falsified medical products: executive summary]. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 73 p. 2018. Disponível em: https://www.who.int/medicines/regulation/ssffc/publications/GSMSExecutiveSummary_PO.pdf. Acesso em 22 de Set. de 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente. **Intoxicações Exógenas**. 2021. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/prevencao-de-acidentes/intoxicacoes-exogenas/>. Acesso em 04 de Out. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **No Brasil, 37 crianças e adolescentes são vítimas de intoxicação ou envenenamento todos os dias, alerta SBP**. 2018. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/no-brasil-37-criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-de-intoxicacao-ou-envenenamento-todos-os-dias-alerta-sbp/>. Acesso em: 5 Out. 2021.

SOUZA, Jacqueline de *et al.* Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, ago. 2011.

TAVARES, Érika Okuda et al. Fatores associados à intoxicação infantil. **Escola Anna Nery**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 31-37, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000100005>. Acesso em 29 de Out. de 2021.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado; PEREIRA JÚNIOR, Assis do Carmo. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. **Escola Anna Nery**, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 291-297, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-81452013000200013>. Acesso em: 15 de Set. de 2021.

TREBIEN, Herbert Arlindo. **Medicamentos – benefícios e riscos com ênfase na automedicação**. Curitiba: Imprensa da UFPR, 2011. 320 p. Disponível em: http://farmacologia.bio.ufpr.br/posgraduacao/Professores/Herbert_trebien_arq/Medicamentos_automedicacao.pdf. Acesso em: 19 de Set. de 2021.

UEDA, Joe *et al.* Impacto ambiental do descarte de fármacos e estudo da conscientização da população a respeito do problema. **Revista Ciências do Ambiente**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 1-6, jul. 2009. Disponível em: <http://www.bhsbrasil.com.br/descarteconsciente/Estudo%20Unicamp.pdf>. Acesso em 30 de Out. de 2021.

UNIMED. **Programa de Reconhecimento e Qualificação da Rede Prestadora**. Rio de Janeiro: Norte Fluminense, 2020. Disponível em: <https://www.unimed.coop.br/documents/1244043/12626248/Programa+de+Reconhecimento+e+Qualifica%C3%A7%C3%A3o+da+Rede+Prestadora/b76c70c8-f225-462a-9182-3d6ddd5eef4c>. Acesso em: 12 de Out. de 2021.